

O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO EM SÃO PAULO E O SEU DESDOBRAMENTO NO OESTE PAULISTA: O CASO DAS INDÚSTRIAS DE MARÍLIA/SP E DE PRESIDENTE PRUDENTE/SP

Adriano Amaro de SOUSA¹

RESUMO: Desenvolveremos aqui, inicialmente, uma breve consideração sobre a dinâmica industrial paulista desde as origens das indústrias até o processo desconcentração industrial. Posteriormente, o, verificaremos, também, o desenrolar desse processo de industrialização no Oeste Paulista. Nesse sentido, as indústrias do Oeste Paulista, de certo modo, foram fomentadas pelas iniciativas de imigrantes japoneses e italianos, estes começaram com as suas pequenas atividades artesanais na década de 1940, ligadas ao ramo da alimentação e bebidas, atendendo ao mercado local/regional. Atualmente, o setor industrial regional, particularmente nas cidades de Presidente Prudente e Marília, de modo geral, não são formado de grandes grupos industriais. Por fim, as indústrias do Oeste Paulista são constituídas de pequenas e médias empresas de origem local e muitas vezes familiar, principalmente de consumo não-duráveis.

Palavra-chaves: São Paulo. Industrialização. Desconcentração. Oeste Paulista. Imigrantes.

INTRODUÇÃO

O processo de industrialização em São Paulo sempre foi dinâmico e complexo, este ganhou corpo a partir de 1950 quando o processo de substituição de importações foi concretizado. Atualmente, o referido Estado contempla grandes grupos industriais nacionais e internacionais, tais grupos são detentores de um grande volume de capital e de novas tecnologias. Além disso, há uma gama de

¹ Graduado em Economia pelas Faculdades Integradas “Eufrásio Antônio de Toledo, Graduado em geógrafo e mestrando em geografia econômica pela FCT/Unesp – Presidente Prudente. Email: adramaro@yahoo.com.br. Eixo 6: Desenvolvimento Regional.

indústrias de pequeno e médio porte de caráter familiar espacializada no território paulista.

Para um melhor entendimento deste trabalho o artigo foi dividido em duas partes. Na primeira, verifica-se o processo de industrialização em São Paulo desde as origens até o processo de desconcentração industrial. Por outro lado, na segunda parte, apresenta-se o desenrolar da industrialização no Oeste Paulista enfocando os municípios de Marília/SP e Presidente Prudente.

O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO EM SÃO PAULO

A gênese do desenvolvimento industrial no Estado de São Paulo iniciou-se em meados das décadas de 1880-1890, por meio dos capitais advindos da superprodução produção cafeeira e das iniciativas dos imigrantes europeus, que impulsionaram aqui o processo de industrialização (MAMIGONIAN, 1976).

Porém, um pouco antes desse período, os empresários-fazendeiros haviam tentado se tornar industrial, mas, não foram bem sucedidos e perderam as suas unidades fabris. No entanto, sua capacidade empresarial foi muito relevante, pois eles promoveram a expansão das estradas de ferro, a introdução da imigração européia para as fazendas e a implantação da rede bancária. Mas, as crises nos preços do café antes da I Guerra Mundial acabaram levando à bancarrota as indústrias dos plantadores de café.

Os imigrantes inseriram-se na economia cafeeira paulista no final do século XIX, como: 1) colonos, com capacidade produtiva e de consumo superior aos escravos; 2) pequenos negociantes artesanais e comerciais; 3) grandes comerciantes, exportadores de café ou importadores. Esses imigrantes com capitais modestos levantaram grandes impérios industriais. Em de 1935, eles detinham a maioria das indústrias paulistas. (MAMIGONIAN, 1976).

A indústria paulista superou a indústria do Rio de Janeiro, entre 1907 a 1919, quando deu um salto quantitativo, crescendo mais que o dobro da indústria do resto do país. Já no período entre 1919 e 1929, a indústria paulista passou a

diversificar alguns segmentos indústrias mais dinâmicos, de bens de produção, buscando atender o mercado nacional.

Para Mamigonian (1976), vários fatores pesavam a favor de São Paulo e todos eles associados à imigração europeia, como: o maior número de empresários, a mão-de-obra mais preparada e o mercado mais amplo e sólido, que possibilitou este a buscar novos mercados. Além disso, reunia condições excepcionais de infra-estrutura básica (ferrovia, rodovia e eletricidade, entre outros).

A década de 1930 foi o marco do processo de desenvolvimento capitalista no Brasil, tendo como paradigma, a mudança da hegemonia do modelo agrário-exportador para o modelo industrial. Desse modo, a industrialização emergiu como o viés de substituição de importações, após o “*crack*” da Bolsa de Nova York.

A crise de 1929 e sua recuperação provocariam o deslocamento do eixo dinâmico da acumulação, do setor agroexportador para o industrial. Desarticulando o comércio exterior, isto causaria forte reversão no abastecimento interno: as restrições às importações forçariam a periferia nacional a importar, agora, produtos manufaturados de São Paulo; este, por sua vez, deveria, crescentemente, importar mais matérias-primas e alimentos de outros estados. Passava-se, portanto, a integrar o mercado nacional sob o predomínio de São Paulo. À periferia, nada mais restava do que se ajustar a uma função complementar da economia de São Paulo, embora mantendo ainda sua antiga dependência do exterior, através de suas exportações tradicionais (CANO, 1998, p. 63).

Foi em 1933, que a economia brasileira começou a se recuperar da crise de 1929, por meio do setor industrial, que passou a comandar o processo de acumulação de capital. A *substituição de importações* visou expandir a industrialização para além dos ramos têxtil e alimentício, procurando trabalhar com atividades industriais mais complexas, como química, metalúrgica, plástico, material de transporte, mecânica, borracha e material elétrico.

Para Cano (1998), entre 1933 e 1939, vamos assistir a um surto industrial no país, com taxas de crescimento da ordem de 11,2% ao ano, bem superior à taxa média anual de 5,7% verificada no período de 1919-39. Já entre 1939 e 1949, a indústria brasileira crescerá a um ritmo médio anual de 7,8%, com taxas bastante expressivas nos segmentos produtores de bens intermediários (10%) e de bens de capital e de consumo duráveis (9,3%), e ainda altas taxas na de bens

de consumo não-duráveis (6,7%), superior à verificada no período de 1919/1939 e muito acima da taxa de crescimento populacional.

A partir da década de 1930, o fenômeno da urbanização se intensificou e, posteriormente, se acelerou devido às mudanças na estrutura produtiva. Já na década de 1950, a indústria paulista superou sua característica de industrialização restringida e passa para a fase da industrialização pesada (Plano de Metas); onde ocorreu a entrada de grandes multinacionais, em especial, a indústria automobilística como carro-chefe.

É válido ressaltar, que o Estado investiu diretamente no desenvolvimento do setor industrial, com políticas voltadas para infra-estrutura (ferrovias, rodovias, portos, aeroportos, sistemas de comunicação, energia), fiscal (concessões de capital e isenções de taxa) e empresas estatais.

Na década de 1960, ocorreu uma desaceleração do crescimento econômico provocado por crises político-econômicas do período anterior. No entanto, a economia paulista volta a crescer em 1973, com o “Milagre Econômico” devido às alterações na estrutura industrial, ocasionada pelo avanço da modernização tecnológica e da internacionalização da economia brasileira.

As exportações da agroindústria (derivados de cítricos, carnes bovina e laticínios, açúcar, algodão, soja, etc.) paulista tiveram um grande peso nas exportações com a abertura do mercado internacional, juntamente, com os automóveis, máquinas, equipamentos e acessórios industriais. Ademais, com avanço da industrialização se acelerou a integração das economias regionais em torno de São Paulo.

A concentração industrial na Grande São Paulo, a partir de 1950, gerou “custos de aglomeração urbana” e os fatores positivos de localização industrial dessa área metropolitana, tornaram-se negativos, dificultando, assim, a produção de muitos empreendimentos. Com isso, o governo procurou diminuir as desigualdades inter-regionais e intra-estaduais.

A interiorização da atividade industrial no Estado de São Paulo, a partir de 1970, ocorreu pelos investimentos realizados pelo governo federal para a promoção da descentralização.

Segundo Negri (1988), os investimentos foram: a) na área de refino e petroquímica (em Paulínea e São José dos Campos); b) implantação a partir de 1975 do Proálcool, fortemente concentrado nas regiões da Campinas e Ribeirão Preto; c) consolidação do parque petroquímico e do siderúrgico Cosipa e Cubatão; d) implantação do complexo aeronáutico para fins civis, militares e indústrias de material bélico no Vale do Paraíba; e, d) a concentração de institutos de pesquisas e empresas estatais no setor de telecomunicações e microeletrônica em Campinas. Além, da formação dos CAI's (complexos agroindustriais). Destacam-se, também, os investimentos realizados pelo governo estadual na construção de modernas rodovias como a Castelo Branco, Bandeirantes e Imigrantes, e na ampliação das vias Anhanguera e Washington Luiz.

A dinâmica do crescimento do interior, entre 1975-1985, deve ser entendida pela criação desses projetos de desenvolvimento. Porém, Cano (1988), faz uma crítica coerente sobre o processo de descentralização industrial no Estado de São Paulo.

Na verdade, de descentralização industrial houve muito pouco, se entendermos este conceito como a mudança espacial de determinada atividade econômica de um lugar a outro. Implantaram-se no interior setores novos que não estavam centrados ou concentrados em determinados pontos do território econômico do Estado de São Paulo. Portanto, a descentralização industrial propriamente dita foi pequena, de algumas plantas têxteis e de confecções, de uma ou outra de material de transporte. Os setores novos, de ponta, não podem ser caracterizados como parte de um processo de descentralização. Pois, [...] parte da renovação tecnológica, até pouco vista como *science fiction*, está tomando rumo muito complexo para o país em termos de setores produtivos. Ela não só resume a alterações de processos produtivos, mas também transforma estrutura concorrencial da indústria moderna (CANO, 1988, p.129).

É a partir da segunda metade da década de 1980, que as políticas públicas para a interiorização da indústria no Estado de São Paulo foram interrompidas devido a crise financeira internacional (choque do petróleo) e nacional (inflação e desemprego). Com isso, ocorreu o esgotamento do processo de descentralização.

Atualmente, a dinâmica industrial do território paulista está polarizada, eminentemente, pela região metropolitana de São Paulo, seguida logo depois pela região de Campinas, São José dos Campos, São Carlos e por algumas manchas

localizadas na região de Ribeirão Preto, São José do Rio Preto e Marília (MOURÃO, 1994).

A região do Oeste Paulista foi pouco beneficiada por esses investimentos, mesmo no que se refere à modernização da malha viária, com exceção da região de São José do Rio Preto que está localizada no eixo viário da Rodovia Washington Luís (SP 310).

Já Marília destacou-se pelas indústrias de alimentos e esquadras metálicas e São José do Rio Preto pelo setor moveleiro. Ressaltamos, também, o pólo calçadista das cidades de Birigui e Jaú. Esses pólos surgiram do crescimento de empresas de capital local, mormente, constituída por empresas de imigrantes modestos que produziram alimentos, móveis, confecções, calçados, etc., para atender o mercado regional e hoje atuam em escala nacional, alguns até em escala internacional (MOURÃO, 1994).

O DESENVOLVIMENTO DA INDUSTRIALIZAÇÃO NO OESTE PAULISTA: UM ENFOQUE SOBRE OS MUNICÍPIOS DE MARÍLIA/SP E PRESIDENTE PRUDENTE/SP

O início do processo de industrialização no Oeste Paulista esteve associado à instalação das máquinas de beneficiamento de algodão e do amendoim, principalmente após 1930, quando chegam as grandes unidades, de capital externo, nacionais e estrangeiras, como a Sanbra, a Anderson Clayton, Lottus, Esteves Irmãos, Mc Fadden, Matarazzo, entre outras. De modo geral, elas encerram suas atividades no final da década de 1970, em virtude da decadência da agricultura regional.

Na Alta Sorocabana, grandes indústrias frigoríficas de capitais externos, estimuladas pela ocupação das atividades pecuárias resolveram instalar suas unidades na área de produção. Dentre elas: o Frigorífico Bordon (1960), o Frigorífico Kaiowa (1965), o Frigorífico Prudentino (1966), o Frigorífico Luizari (1962), o Curtume Scarbord (1974) e o Curtume Touro (1978). O fechamento dessas

empresas deu-se pela crise financeira brasileira da década de 1980 e pela Guerra Fiscal entre os estados. Por outro lado, uma agroindústria de capital italiano à Indústria CICA S/A se instalou no município de Presidente Prudente/SP, em 1974, e fechou as portas pelo mesmo motivo das indústrias frigoríficas, em 1992. No município de Álvares Machado à indústria instalada tem ligação com a agricultura, especificamente no ramo de sementes para pastagens.

Paralelamente, com as atividades de capitais externos emergiam as indústrias de capitais locais, fomentadas principalmente por iniciativas imigrantes.

Matushima e Sposito (2002) chamam atenção para o papel do imigrante no processo de industrialização paulista, que teve início no começo do século XX, com os italianos e outras nacionalidades (alemães, japoneses, árabes, espanhóis, portugueses, etc.), foram responsáveis pela criação de inúmeras indústrias pequenas, muitas delas de caráter familiar, que posteriormente, cresceram e se transformaram em grandes empresas.

Isto também ocorreu em diversas cidades do interior paulistas, como demonstra Dundes (1988) sobre Presidente Prudente, que apesar da pouca importância das indústrias da cidade, muitas delas foram fundadas por imigrantes principalmente japoneses. Por outro lado, Mourão (1994) analisa a origem e evolução da industrialização de Marília, tratando também do papel do imigrante na fundação das empresas da cidade, principalmente os japoneses e italianos. [...] A região de São José do Rio Preto e Mirasol, também se destaca dos grupos de imigrantes na constituição do empresariado local, dentre eles, os italianos, árabes, espanhóis e alguns armênios (MATUSHIMA e SPOSITO, 2002, p. 11).

Para os autores, muitas dessas empresas fundadas por iniciativas imigrantes tiveram uma origem familiar e, posteriormente, se modernizaram sem perder o controle familiar do grupo. As empresas fundadas atuavam em diversas áreas: alimentação, construção civil, comércio, agroindústrias, equipamentos para transportes, bebidas, entre outros.

Desse modo, as indústrias com base em capital local do município de Presidente Prudente originaram dessas 13 indústrias locais¹¹: Bebidas Wilson Ind. e Com. Ltda (1945), Irmãos Crepaldi Cia Ltda (1946), Bebidas Funada Ltda (1947), Bebidas Asteca Ltda (1948), Pastifício Liane Ltda (1963), Vicente Furlaneto Cia Ltda (1964), Dicoplast S/A (1966), Goydo Implementos Rodoviários (1966), Regina Ind. e Com. Ltda (1971), Staner Eletrônica Ltda (1973), Curtume Touro (1978), Calçado

¹¹ Dundes (1998, p. 120) – Histórico das principais indústrias de Presidente Prudente/SP.

Touro (1981), e Prudenfrigo Ltda (1988). Dessas indústrias, que estão em atividades 40% foram fundadas por imigrantes e descendentes de japoneses e italianos. Observa-se, que atualmente na indústria prudentina não se tem nenhuma indústria de capital externo.

No entanto, as indústrias da região da Alta Paulista tiveram indústrias de beneficiamento de capitais externo. Já as indústrias de alimentos da cidade de Marília a partir de 1980, começam atrair mais indústrias nesse segmento, algumas empresas locais do setor alimentício foram compradas por grandes grupos multinacionais. Ademais, 50% das empresas alimentícias estão sob o comando dos capitais externos.

Segundo Mourão (1994), os principais ramos industriais de Marília, em 1993, mesclavam indústrias de capitais externos e de capitais locais. Nesse sentido, as indústrias do ramo de alimentos foram compostas por 8 empresas: Nestlé Ind. e Com. Ltda. (1945); Marilan S/A Ind. e Com. (1956); Dori Ind. Com. Prod. Alim. Ltda. (1968); Ind. Com. Biscoitos Xereta Ltda. (1960); Ranieri S/A (1948); Dingo Ind. Prod. Alim. Ltda (1986); e, Maritus Ind. Prod. Alim. Ltda. (1974). Já as indústrias do ramo siderúrgico eram formadas por 6 empresas: Sasazaki Ind. e Com. Ltda (1943); Metalurgia Record (1981); Cia. Metalúrgica Prada (1981); Máquinas Man (1975); Ikeda & filhos Ltda. (1947); e, Metaljex Ind. Metal Ltda. (1990). Por último, as indústrias do ramo de outros gêneros foram constituídas por 6 seis empresas: Iguatemy Operacional Ind. Com. Transportes Ltda. (1967); Refrigerantes Marília Ltda. (1991); Kobes do Brasil ind. Com. Ltda. (1974); Plastimar (1965); Espaço Vazio Ltda. (1989); e Ferreira da Costa Ltda. (1945).

Essas indústrias selecionadas pelo autor levaram em consideração as indústrias de grande a médio porte, ou seja, estabelecimentos acima de 100 empregados. As Indústrias em Bastos e Pompéia têm vínculos com os complexos agroindustriais, o primeiro desenvolve atividades ligadas à granja avícola e o segundo especializou-se em desenvolver máquinas e equipamentos agrícolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos sintetizar que, as indústrias do Oeste Paulista, de certo modo, foram fomentadas pelas iniciativas de imigrantes japoneses e italianos, estes começaram com as suas pequenas atividades artesanais na década de 1940, ligadas ao ramo da alimentação e bebidas, atendendo ao mercado local/regional.

Atualmente, o setor industrial regional, particularmente nas cidades de Presidente Prudente, Marília e São José do Rio Preto, não é formado de grandes grupos industriais, exceto Marília que tem a presença de multinacional, como a Nestlé. É constituído de pequenas e médias empresas de origem local e muitas vezes familiar, principalmente de consumo não-duráveis.

Assim, a localização das atividades industriais no espaço intra-urbano das cidades paulistas segue uma lógica histórica; primeiro próximo das estações ferroviárias, posteriormente em distritos industriais, agora em eixos rodoviários. Porém, no Oeste Paulista está lógica não tem uma caracterização precisa de localização industrial, por que vários lugares carecem de uma modernização na malha viária.

BIBLIOGRAFIA

CANO, Wilson. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. 3ª ed. Unicamp, 1977.

_____. Perspectivas do desenvolvimento econômico do interior paulista. In: TARTAGLIA, J. C.; OLIVEIRA, O. L. **Modernização e desenvolvimento do interior de São Paulo**. São Paulo: ed. Unesp, p. 39-68, 1988.

DEAN, Warren. **A industrialização de São Paulo (1880-1945)**. São Paulo, Difusão européia do livro, 1971.

DUNDES, Ana Claudia. **O processo de (des) industrialização e o discurso desenvolvimentista em Presidente Prudente**. Presidente Prudente/SP: FCT/Unesp, 1998. (Dissertação de Mestrado)

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 25 ed. São Paulo: Nacional, 1995.

GOMES, Maria Terezinha Serafim. **A reestruturação produtiva e seus reflexos no mundo do trabalho**: algumas considerações preliminares. Goiânia: VI Congresso Brasileiro de Geógrafos; Cd-room, de 18 a 23 de julho de 2004.

KON, Anita. **Economia industrial**. São Paulo: Nobel, 1994.

MAMIGONIAN, Armen. O processo de industrialização em São Paulo. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo: AGB, nº 50, p. 83-101, 1976.

MATUSHIMA, Marcos Kazuo; SPOSITO, Eliseu Savério. Dinámica económica en el Estado de São Paulo: Los desdoblamientos de un eje de desarrollo. Barcelona: **Revista Scripta Nova**, vol. VI, núm. 126, octubre de 2002.

MELO, João Manuel Cardoso de. **O capitalismo tardio**: contribuição à revisão da formação e do desenvolvimento. 10 ed. Campinas: Unicamp/IE, 1998.

MOURÃO, Paulo Fernando Cirino. **A industrialização do Oeste Paulista**: o caso de Marília. Presidente Prudente: FCT/Unesp, 1994. (Dissertação de Mestrado)

SILVA, Agda Márcia. **Indústria e mudanças tecnológicas**: considerações sobre a décima região administrativa de Presidente Prudente/SP. Presidente Prudente: FCT/Unesp, 2002. (Dissertação de Mestrado)

SPOSITO, Eliseu Savério. Fluxos e localização industrial. In: **Região, cidade e poder**. Presidente Prudente: GASPERR-FCT/Unesp, 1996.

_____. Localização indústria em Presidente Prudente. **Revista de Geografia**. São Paulo, Unesp, 5/6, p. 83-102, 1987.

SOUSA, Adriano Amaro de. **A indústria nipo-brasileira no município de Presidente Prudente/SP**: a origem do capital. Presidente Prudente: FIAET, 2002. (Monografia de economia)

SUZIGAN, Wilson. **Indústrias brasileiras**: origem e desenvolvimento. São Paulo: Brasiliense, 1986.